

## [avali'ãdʊ] ou [avali'ãɲʊ]: o significado social da alternância [d] ~ [n] entre jovens universitários cariocas

### [avali'ãdʊ] or [avali'ãɲʊ]: the social meaning of the alternation between [d] and [n] among young university students from Rio de Janeiro

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo<sup>1</sup>  
Ísis Garcia Bastos Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta os resultados de um estudo piloto sobre a avaliação social da alternância entre [d] e [n], ambas precedidas de vogal nasal – como em como em [avali'ãdʊ] ~ [avali'ãɲʊ] –, na comunidade de fala do Rio de Janeiro. Essa variável já foi objeto de estudos com dados de produção em diferentes variedades do português brasileiro (PB), os quais sugerem que [n] seria a variante estigmatizada, tendo em vista que ela é mais realizada entre falantes de menor escolaridade e de classes sociais mais baixas (GONÇALVES, 2018). Assim, realizou-se, remotamente, um experimento com 24 jovens universitários da cidade do Rio de Janeiro, utilizando a técnica *matched guise*, a fim de acessar os significados sociais das variantes em questão. Diferentemente daquilo que se esperava antes da aplicação do experimento, os resultados revelaram que a diferença de avaliação entre as variantes não se mostrou significativa, o que pode sugerir que a variante nasal não constitui um estereótipo associado à pouca escolaridade ou a falantes da classe baixa na variedade do PB analisada. Apesar de se tratar de um estudo piloto, este experimento pode contribuir para estudos futuros, sobretudo no que diz respeito à metodologia empregada e aos estímulos utilizados.

**Palavras-chave:** avaliação social; alternância [d] e [n] precedidas de vogal nasal; variação linguística; comunidade de fala.

**Abstract:** This work presents the results of a pilot study on the social evaluation of the alternation between [d] and [n], both preceded by a nasal vowel – as in as in [avali'ãdʊ] ~ [avali'ãɲʊ] – in the speech community of Rio de Janeiro. January. This variable has already been the object of studies with production data in different varieties of Brazilian Portuguese (BP), which suggest that [n] would be the stigmatized variant, given that it is more realized among speakers of lower education and low social classes (GONÇALVES, 2018). Thus, an experiment was carried out remotely with 24 university students from the city of Rio de Janeiro, using the *matched guise* technique, in order to access the social meanings of the variants in question. Differently from what was expected before the application of the experiment, the results revealed that the evaluation difference between the variants was not significant, which may suggest that the nasal variant is not a stereotype associated with low schooling or low-class

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Endereço eletrônico: [malmelo.lopes@letras.ufrj.br](mailto:malmelo.lopes@letras.ufrj.br).

<sup>2</sup> Pesquisadora vinculada ao projeto *Dinâmica da variação e da mudança na comunidade de fala: um olhar a partir das margens* (PEUL/FL/UFRJ). Endereço eletrônico: [isigarcia@letras.ufrj.br](mailto:isigarcia@letras.ufrj.br).

speakers in the BP variety analyzed. Despite being a pilot study, this experiment can contribute to future studies, especially with regard to the methodology used and the stimuli used.

**Keywords:** social evaluation; alternation between the stop consonant and the alveolar nasal preceded by nasal vowel; linguistic variation; community of speech.

## Introdução

Este trabalho apresenta os resultados de um estudo piloto em que um experimento foi aplicado a jovens universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro e que tinha por objetivo observar a avaliação das variantes de uma variável sonora: alternância das consoantes oclusiva alveolar [d] e nasal alveolar [n] precedidas de vogal nasal, tal como em [avali'ãdo] e [avali'ãno], respectivamente. De maneira geral, os estudos variacionistas se concentram majoritariamente em análises de produção, havendo uma quantidade menor de trabalhos sobre a avaliação e percepção (CAMPBELL-KIBLER, 2006). Assim, considerando esta menor quantidade de estudos variacionistas sobre avaliação, o intuito deste trabalho é contribuir para este campo de estudo do português brasileiro com um experimento acerca de uma variável já estudada sob o ponto de vista da produção, mas ainda não estudada sob o ponto de vista da avaliação na variedade carioca. Ademais, mesmo que se trate de um estudo piloto, entende-se que seja importante reportar os resultados obtidos de maneira preliminar, a fim de que estudos futuros possam não só aprimorar a metodologia empregada, bem como melhorar a qualidade dos estímulos utilizados.

Esta pesquisa trabalha com a hipótese de que a realização da nasal alveolar [n] em oposição à realização da oclusiva alveolar [d] em final (ndo), tanto em verbos no gerúndio quanto em não-verbos, seria a variante estigmatizada pelos falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro. Esta hipótese é baseada em estudos anteriores acerca da mesma variável em outras variedades, como o de Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), que conclui que a realização de [d] está associada a contextos de maior monitoramento, falantes do sexo feminino e com maior escolarização – o que aponta para a estigmatização da variante [n]. Além disso, o estudo de Gonçalves (2018), sobre a mesma variável na variedade paulista, sugere uma possível menor aceitação da variante nasal a partir da relação inversamente proporcional entre maior percentual de apagamento de [d] e grau de escolarização do falante. Em outras palavras, Gonçalves (2018), a partir de dados de produção, aponta para a estigmatização da realização da sequência (ndo) com a consoante nasal [n]. Com isso, o objetivo deste trabalho é verificar se a avaliação de um grupo de falantes da comunidade de fala do Rio de Janeiro acerca da variável linguística citada aponta ou não para o estigma que é, geralmente, atribuído à nasal alveolar [n].

Para acessar a avaliação dos falantes acerca das variantes da variável em questão, foi elaborado um experimento piloto em que os participantes, todos jovens universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro, deveriam julgar o grau de aceitabilidade de uma candidata a um cargo de âncora em um telejornal. Assim, após ouvir cada sentença, os participantes deveriam, numa escala de 01 (não apta) a 07 (totalmente adequada), avaliar se a candidata estava apta ou não ao cargo. Em razão da pandemia de Covid-19, o experimento, que continha lista com itens verbais (formas de gerúndio) e itens não-verbais, foi realizado totalmente de maneira remota.

O presente trabalho se apresenta dividido em quatro seções: na primeira, serão expostos os fundamentos teóricos em que se apoia o presente estudo; na segunda seção, serão apresentados alguns estudos anteriores sobre a variável em questão; na terceira, será apresentada a metodologia utilizada para o experimento de avaliação; na quarta, serão analisados os resultados do experimento; na quinta, por fim, serão extraídas as conclusões a partir dos dados de análise.

### **Avaliação da variação**

Apesar de se observar um aumento considerável dos estudos sobre percepção e avaliação, ainda há uma predominância dos estudos de produção nas pesquisas variacionistas. Esse aumento considerável dos estudos de percepção e avaliação se deu, sobretudo, em razão da necessidade de se buscar correlatos cognitivos da variação linguística, a fim de melhor compreender não só os mecanismos pelos quais a mudança linguística se implementa, bem como a organização do conhecimento linguístico. Nesse sentido, diversos estudos sobre percepção e avaliação da variação linguística têm se debruçado sobre diferentes aspectos da organização cognitiva da variação (CLOPPER, CONREY, PISONI, 2005; HAY, WARREN, DRAGER, 2006; STAUM-CASASSANTO, 2010; SQUIRES, 2011).

De acordo com Labov (2006), as reações subjetivas dos falantes costumam não refletir diretamente suas opiniões pessoais, isto é, caso os falantes sejam indagados diretamente sobre determinada(s) forma(s) linguística(s), as atitudes frente a tais formas tendem a não emergir. Assim, para capturar as reações subjetivas dos falantes, se torna necessário adotar uma metodologia específica e adequada. A técnica dos *falsos pares* (*matched guise test*), desenvolvida por Lambert *et al.* (1960), permite colocar os participantes de um experimento diante de dois conjuntos de possibilidades, os quais são produzidas por um mesmo falante que usa formas diferentes. Segundo Oushiro (2015), essa técnica teve grande impacto nos estudos sobre avaliação, já que permitiu demonstrar que diferentes variedades linguísticas impactam a

avaliação dos sujeitos em diferentes situações, as quais vão desde a escolha de um inquilino ou de um candidato a uma vaga de emprego à associação da natureza de um crime cometido a falantes de uma determinada variedade.

Em Labov *et al.* (2011), foram realizados experimentos para o estudo da percepção acerca da variável (ING) no gerúndio, como em *creating* (criando), a fim de medir a saliência das formas /in/ e /iŋ/ no inglês americano. Os experimentos descritos em Labov *et al.* (2011, p. 434) tiveram como objetivo determinar se os ouvintes conseguem discriminar e avaliar os níveis de variação de /in/, a variante estigmatizada. Nos experimentos aplicados, foi analisada a sensibilidade à variável (ING) de ouvintes que deveriam avaliar, em uma escala, a aptidão de uma suposta âncora de telejornal por meio de dez frases contendo a variável, ora realizadas como nasal alveolar [n], ora como nasal velar [ŋ]. Os estímulos foram controlados de forma que as respostas às sentenças correspondiam a uma função logarítmica na qual o efeito de cada desvio da norma era proporcional ao aumento percentual nos desvios. A partir disso, os resultados mostraram que quanto maior o índice de [n], menor era a aceitação da candidata por parte do ouvinte. Com isso, pôde-se apontar menor prestígio da variante alveolar de acordo com os ouvintes, que julgaram a suposta candidata que as realizava como menos apta para o cargo de âncora. Os resultados ainda apontaram para uma diminuição da sensibilidade à medida que as frequências da variante alveolar aumentavam. Ou seja, quanto mais se ouvia a variante alveolar – forma de menor prestígio – pior se avaliava a candidata à âncora de telejornal, levando à conclusão de que a repetição da forma de menor prestígio levava a uma maior penalização. Ainda de acordo com Labov *et al.* (op. cit.), a variante alveolar foi mais penalizada pelos ouvintes do sexo feminino, bem como ouvintes de faixa etária mais elevada (adultos).

Levon e Buchstaller (2015) analisaram o efeito da modularidade linguística em diferentes níveis da gramática, a partir de avaliações sociais dos ouvintes sobre diferentes formas linguísticas. Para tanto, os autores investigaram se duas variáveis do inglês britânico situadas em diferentes níveis da gramática – uma variável fonológica e uma variável morfossintática – estariam igualmente disponíveis para avaliações sociais dos ouvintes. Assim, foi realizado um estudo de percepção, a fim de examinar como fatores sociais e psicológicos moderam as avaliações percentuais dos ouvintes britânicos a partir de duas variáveis observadas: (a) o fronteamo de TH ([θ] > [f]); (b) inserção de sufixo verbal -s quando o sujeito é 3ppl (*Northen Subjetc Rule* – NSR). Os resultados apontaram que variáveis estruturais de *nível superior* (morfossintático) estão disponíveis para avaliação dos ouvintes e que as reações dos ouvintes são condicionadas por efeitos independentes da região proveniente e do estilo cognitivo individual. Em relação à frequência, os resultados mostraram que não houve

interação entre as variáveis, indicando que os participantes trataram as duas variáveis separadamente. Além disso, o aumento da frequência de [f] – variante fonológica não-padrão – levou a avaliações mais negativas, efeito observado irrestritamente em toda população de ouvintes. Por outro lado, as avaliações da variante morfossintática não-padrão dependem de um fator social (região do ouvinte) e de um fator cognitivo medido previamente pelos autores (capacidade de Linguagem Pragmática).

Considerando que a variável (-r) na cidade de São Paulo está associada “a identidades geográficas, a graus de formalidade, de escolarização e a classes sociais, além de outras dimensões que se referem ao status dos falantes” (p. 261), Oushiro (2015) realizou um experimento de percepção e avaliação desta variável. Os resultados obtidos pela autora mostraram que o uso das variantes está associado a identidades geográficas (capital vs. interior; centro vs. periferia), sendo tal associação estendida para o status relativo dos falantes na comunidade e, em menor grau, a inferências sobre o caráter dos indivíduos. Assim, a variante retroflexa é menos bem avaliada quando os traços se referem ao status dos falantes (classe social, nível de escolaridade, formalidade, centralidade do bairro, articulação e sofisticação), e mais bem avaliadas em relação a características associadas às dimensões de solidariedade e dinamismo (trabalho, simplicidade, sinceridade, solidariedade). Ainda segundo a autora, os resultados confirmam estudos anteriores, uma vez que, segundo tais estudos, “línguas, variedades e variantes favorecidas pelas classes menos privilegiadas são percebidas mais negativamente quanto a atributos de status e valorizadas quanto a traços de solidariedade” (p. 318).

Em seu estudo a respeito da comunidade de fala do Rio de Janeiro, Melo (2017, 2022) analisou, por meio de um experimento elaborado com a técnica *matched guise*, a avaliação das variantes da coda (r) interna e coda (s). O experimento foi aplicado a falantes pertencentes a grupos sociais distintos da comunidade de fala: um grupo de jovens excluídos socialmente, bem como três outros grupos de indivíduos de diferentes setores de classe média com diferentes graus de inserção social. Os resultados obtidos pelo autor apontaram para uma avaliação negativa tanto da variante glotal para a coda (s), como da ausência do segmento para a coda (r) interna. Ademais, foi possível observar que a avaliação das variáveis não é compartilhada por todos os falantes da comunidade de fala, tendo em vista que os grupos de falantes com algum grau de inserção social avaliaram as variantes de ambas as variáveis de formas distintas e o grupo constituído por jovens excluídos socialmente não mostrou diferenças na avaliação das variantes das duas variáveis observadas. O autor buscou, ainda por meio dos experimentos, observar o efeito da frequência de exposição a uma variante estigmatizada (LABOV *et al.*

2011). Assim, um grupo de participantes de cada grupo social ouviu sentenças em que dois itens com as variantes eram produzidos. Apesar de não ser a mesma situação testada por Labov *et al.* (op.cit.), o aumento no número de itens em uma mesma sentença com determinada variante poderia levar o falante a ter diferentes avaliações. No entanto, os resultados apontaram que as sentenças com duas variantes não levaram a um efeito significativo em direção a uma maior penalização das sentenças com duas variantes estigmatizadas.

De uma maneira geral, o que se observa nos diferentes trabalhos que abordam a avaliação da variação sociolinguística é uma recorrente associação entre as variantes produzidas e o julgamento dos falantes que delas fazem uso (LAMBERT *et al.*, 1960; CAMPBELL-KIBLER, 2010; LABOV, 2006, 2008; LABOV *et al.*, 2011; OUSHIRO, 2015). De maneira geral, as variantes usadas por falantes de classes sociais mais elevadas costumam ser mais usadas por falantes em situações formais de interação (LABOV, 2006, p. 265), sendo, por outro lado, as variantes de menor prestígio identificadas como características de grupos de falantes pertencentes a classes sociais menos privilegiadas ou menos escolarizadas (VOTRE, 2010, p. 52). Oushiro (2015, p. 318) sustenta que, além da relação estigma-prestígio, as formas linguísticas comumente usadas por falantes de classes menos privilegiadas tendem a ser percebidas “mais negativamente quanto a atributos de status e valorizadas quanto a traços de solidariedade”.

Embora não seja objetivo deste trabalho discutir hipóteses de organização do conhecimento linguístico no que diz respeito a forma como as informações sobre o falante, identidade e frequência são armazenadas e processadas, é importante citar que, sobre essa questão, Labov *et al.* (2011) argumentam que há duas hipóteses sobre a forma como avaliação social pode ser capturada: (a) por meio de um monitor sociolinguístico; (b) por meio da representação em exemplares. Labov *et al.* (2011) defendem que o processamento e armazenamento de julgamentos ou valores sociais seriam realizados por meio de um monitor sociolinguístico, que seria um módulo separado capaz de avaliar qualquer item que possa ser lembrado pelo falante. De acordo com a outra hipótese – representação em exemplares –, haveria uma capacidade de fazer inferências estatísticas a partir das representações detalhadas, as quais contêm informações não meramente distintivas e informações indexadas socialmente (WARREN e DRAGER, 2006).

### **A variável em análise**

Nesta seção, serão apresentados alguns estudos que abordam a variável analisada neste trabalho, com o objetivo de mostrar o comportamento já observado para a alternância das

consoantes [d] e [n] precedidas de vogal nasal em diferentes comunidades de fala do português brasileiro (doravante PB), tais como a variedade sergipana, paulistana e carioca. Alguns estudos anteriores acerca da variável em análise incluem, além da produção, análises sobre a percepção e o nível de consciência social acerca de mudanças linguísticas, elementos fundamentais deste trabalho.

Em seu estudo sobre os efeitos sociais da saliência na realização da oclusiva alveolar [d] em segmento (ndo), Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018) abordam o nível de consciência social como um fator importante da mudança linguística. Os autores analisaram uma amostra do Banco de Dados Falares Sergipanos, composta por entrevistas em Aracaju, estratificada com base em sexo, escolaridade e idade. Notou-se que a realização da consoante oclusiva [d] em segmento (ndo) é desfavorecida entre falantes com ensino médio e do sexo masculino. Além disso, em relação aos condicionamentos linguísticos e lexicais, os autores concluíram que há maior conservação em palavras de outras classes do que em morfemas de gerúndio. De acordo com o estudo, isso reforça a existência de parâmetros lexicais para a difusão da mudança dessa variável. Os autores concluíram, ainda, que a realização da oclusiva em segmento (ndo) na fala de Aracaju se comporta como um indexador de segunda ordem, uma vez que “está associada à maior escolarização, perfil feminino, e a contextos de maior monitoramento” (p. 673). Por fim, os autores afirmam que são necessários mais estudos sobre o nível de consciência social do fenômeno estudado, para que haja o desvelamento dessa questão.

Gonçalves (2018) analisou o fenômeno da ausência de [d] no segmento -ndo na variedade paulistana do PB, investigando “as variáveis linguísticas e sociais que se correlacionam à realização de (NDO), através de dados extraídos da amostra coletada pelo Projeto SP2010 (MENDES e OUSHIRO, 2012)”. O autor aborda os gerúndios em três estruturas diferentes: justaposição, orações adverbiais reduzidas e perífrases. Em relação aos gerúndios em justaposição, os dados da pesquisa apontam maior ausência da oclusiva entre falantes do sexo masculino, de faixa etária *intermediária* (35 a 59 anos), com menor escolaridade e residentes de áreas mais periféricas. Em relação a orações adverbiais reduzidas, foi observado que os falantes mais jovens e de classe social mais baixa tendem a não realizar a oclusiva. Quanto à perífrase, as variáveis sociais preditoras de ausência da oclusiva centram-se na faixa etária e classe social: os falantes mais jovens, de classes mais baixas e de menor escolaridade (até o Ensino Médio) favorecem a ausência da oclusiva [d]. Concluiu-se, então, que a ausência de [d] é a variante estigmatizada por certos grupos sociais, devido ao grau da ausência da oclusiva ser inversamente proporcional ao aumento dos segmentos da escolarização. Assim, foi observado, novamente, que os falantes das classes mais baixas

favorecem o apagamento de /d/. O autor também inclui o fator da escolaridade junto à classe social, revelando que “o apagamento vem sendo utilizado em maior número na fala de pessoas com até o Ensino Médio” (p. 91). Gonçalves conclui, então, que a variante apresentada – apagamento de [d] – é tratada de forma estigmatizada por certos grupos sociais, devido ao grau do apagamento ser inversamente proporcional ao aumento dos segmentos da escolarização.

Mollica e Mattos (1992) analisam o fenômeno da assimilação da consoante oclusiva no segmento (ndo) na comunidade de fala do Rio de Janeiro por meio de duas abordagens: multivariacional e difusionista. As autoras não analisam grau de prestígio em relação ao fenômeno estudado, visto que o objetivo da pesquisa foi “evidenciar [...] o interesse em conjugar metodologias de análise para fenômenos de variação e/ou mudança” (p. 54). Foram observados os índices de preservação - realização - da oclusiva alveolar [d]. Primeiramente, em relação à abordagem multivariacional, os resultados mostraram que quanto menos sílabas o item tiver, maior o índice de realização da oclusiva. Quanto à variável “contexto fonológico seguinte”, foi observado que o índice de realização de [d] é apenas 5% maior que o índice em ambiente de não-silêncio (pausa). Relativamente à abordagem difusionista, os resultados de Mollica e Mattos (1992) apontam para a relação entre a categoria gramatical do item e a taxa de variação: em nomes próprios e adjetivos, a preservação da oclusiva é de 100%; essa taxa cai ligeiramente em numerais (98%), e assim continua progressivamente nas categorias verbo no presente do indicativo (94%), nome comum (82%) e conector (82%), até chegar às formas de gerúndio, com 61%. Para as autoras, esses dados reforçam a hipótese de que “há classes gramaticais mais resistentes à inovação do que outras” (p. 58), o que pode acontecer devido a restrições da classe gramatical, como ocorre na categoria nome comum, que sofre restrições de natureza fonológica, pelo fato de só serem encontrados sete nomes comuns com terminação (ndo). Também é importante destacar que Mollica e Mattos (op. cit.) não analisam grau de prestígio ou consciência social em relação ao fenômeno estudado. De acordo com as autoras, o objetivo da pesquisa foi “evidenciar [...] o interesse em conjugar metodologias de análise para fenômenos de variação e/ou mudança” (p. 54).

Neste trabalho, serão apresentados os resultados de um experimento em que se buscou observar o possível estigma associado à realização da nasal alveolar [n], considerando verbos no gerúndio de 1ª, 2ª e 3ª conjugações – classificados de acordo com a frequência – e alguns itens não-verbais, tais quais nome comum, nome próprio, numeral e advérbio.

## **Metodologia**



Nesta seção, será apresentada a metodologia para a realização do experimento piloto de avaliação do presente estudo<sup>3</sup>. Participaram 12 homens e 12 mulheres, com idade entre 18 e 30 anos, sendo todos universitários cariocas. O experimento foi elaborado por meio do programa *PsychoPy*<sup>4</sup> e aplicado por meio da plataforma *Pavlovia*<sup>5</sup>, tendo em vista que aquele possui a linguagem de programação necessária para que este possa abrigar o experimento e, assim, permitir que ele seja aplicado de maneira remota. O objetivo era observar o grau de aceitabilidade da alternância entre a realização das consoantes oclusiva [d] e da consoante nasal [n], ambas alveolares, como em brinc[ãdʊ] ~ brinc[ãnʊ], na comunidade de fala do Rio de Janeiro. No experimento, as variáveis de análise foram: as variantes; a conjugação verbal; classificação entre verbo e não-verbo; e frequência de uso na língua.

Para o experimento, foram elaboradas 16 sentenças divididas em 04 listas, cada uma contendo 04 itens com a variável: 03 listas de itens verbais (gerúndio) e 01 lista com itens não-verbais. Os itens verbais foram concebidos a partir das 03 conjugações verbais:

QUADRO 01 - Estímulos do experimento de avaliação

LISTA	ESTÍMULO	
01	itens verbais	1ª conjugação
02		2ª conjugação
03		3ª conjugação
04	itens não-verbais	

Fonte: elaboração própria (2022)

As 16 (dezesseis) sentenças foram gravadas duas vezes, uma contendo uma oclusiva no ataque da última sílaba – como em and[ãdʊ] e m[ũdʊ] – e outra contendo uma nasal na última sílaba – como em and[ãnʊ] e m[ũnʊ]. Foram gravadas ainda 06 sentenças distratoras em que não havia itens com a variável em análise, as quais foram gravadas apenas uma vez e se assemelhavam aos demais estímulos do experimento no que se refere ao tamanho (cada uma, 20 sílabas em média). Todas as sentenças elaboradas para o experimento podem ser encontradas no Anexo 01 deste trabalho.

<sup>3</sup> Experimento aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro / IESC – UFRJ, CAAE n. 19063219.0.0000.5286, parecer n. 5.077.520, projeto *Dinâmica da variação e da mudança na comunidade de fala: um olhar a partir das margens*.

<sup>4</sup> *PsychoPy* é um pacote de *software* de código aberto escrito na linguagem de programação *Python*, principalmente para uso em pesquisas em neurociência e psicologia experimental. Disponível em < <https://www.psychopy.org/> > (acessado pela última vez em 20/09/2022).

<sup>5</sup> *Pavlovia* é plataforma *online* que usa o *Gitlab* para hospedar experimentos, iniciar e executar estudos e armazenar dados com segurança. Disponível em < <https://pavlovia.org/> > (acessado pela última vez em 20/09/2022).

Na concepção das sentenças com itens verbais, além das três conjugações verbais, também foi considerada a frequência dos verbos a serem utilizados; portanto, foram intercalados verbos de alta e baixa frequência na língua, a fim de observar uma possível diferença de avaliação. Como se esperava observar avaliações mais negativas relacionadas à realização da consoante nasal, esperava-se, assim, que verbos pouco frequentes e com realização da consoante nasal seriam ainda mais penalizados pelos participantes do que aqueles de alta frequência na língua e produzidos com a mesma variante. Isto porque itens mais frequentes podem ser mais rapidamente atingidos por processos de redução fonética. De acordo com Bybee (2016, p. 43), “palavras de alta frequência sofrem mais mudança ou mudança em uma velocidade maior do que palavras de baixa frequência”. Essas mudanças impactam as representações abstratas dos falantes e, conseqüentemente, o processamento das formas. Neste sentido, por serem mais frequentes e, possivelmente, mais propensos à redução fonética, tais itens poderiam ter suas representações mais impactadas de forma que a percepção de um item frequente com a consoante nasal não causaria uma avaliação tão negativa, haja vista que o falante encontraria representações robustas para as duas formas – com oclusiva e com a nasal. Já com itens menos frequentes, por não terem representações tão robustas e precisarem de um acesso mais complexo, uma forma com a consoante nasal – a variante supostamente estigmatizada – estaria mais propensa a uma avaliação mais negativa. As frequências foram obtidas por meio de consulta ao banco de dados do Projeto ASPA/UFMG (ver Anexo 01).

O experimento foi elaborado no programa *Psychopy* e, posteriormente, disponibilizado na plataforma *Pavlovia*, permitindo que cada participante realizasse o experimento de maneira remota. Cada participante foi exposto, necessariamente, duas vezes às 24 sentenças, gravadas por uma suposta candidata ao cargo de âncora de telejornal. Após ouvir cada sentença repetidamente, foi exibida uma escala de 01 a 07 para classificação da sentença ouvida, sendo 01 a classificação mais baixa (candidata não-apta para o cargo) e 07, a mais alta (candidata perfeitamente apta). Os participantes tiveram liberdade de escolher qualquer espaço entre 01 e 07, possibilitando, assim, uma maior abrangência nas avaliações. Antes de dar início ao teste pela plataforma, o seguinte comando foi mostrado aos participantes na tela:

Você vai ouvir várias frases que foram gravadas por uma mulher que deseja se inscrever para uma vaga de apresentadora de telejornal. Você vai ouvir duas vezes cada frase e, após isso, deverá avaliar se a candidata está apta a ocupar o cargo que pretende, em uma escala de 01 a 07 em que 01 indica que candidata ‘deveria tentar outro trabalho’ e 07 indica que a candidata ‘está perfeitamente adequada’.

Havia dois grupos de participantes, tendo sido todos os participantes expostos às mesmas 24 sentenças originais, porém, com alternância quanto à variante apresentada. Um grupo, por exemplo, foi exposto à metade das sentenças com a variante [d] e a outra metade com a variante [n]. Já o outro grupo foi exposto às mesmas sentenças com as variantes trocadas: as sentenças em que os participantes do grupo 01 foram expostos à variante [d], os participantes do grupo 02 foram expostos à variante [n]; as sentenças em que os participantes do grupo 01 foram expostos à variante [n], os participantes do grupo 02 foram expostos à variante [d]. Também é importante citar que o programa *PsychoPy* organiza as sentenças de maneira aleatória, de forma que cada participante foi exposto às sentenças em uma ordem única.

Após a realização destes, foi utilizado o programa MS Excel para organização dos dados. As respostas dos participantes – escala de aceitabilidade em que o participante situava o cursor em uma escala entre 01 e 07 – oferecem respostas muito precisas, com até dez casas decimais, dependendo de que lugar da escala o participante escolhesse. Assim, foi considerada a pontuação até duas casas decimais: se a resposta capturada fosse 5,016666836 – caso o participante situasse o cursor um pouco depois do ponto 05 no contínuo –, o valor considerado para análise foi 5,02. Ao final, foi utilizado o Teste *Kruskal-Wallis* com o intuito de checar a significância estatística da diferença entre as médias das respostas para as duas variantes. O *Kruskal-Wallis* é um teste não paramétrico, aplicado quando não há normalidade de distribuição dos valores da variável dependente.

## Resultados

Para analisar os resultados, as médias para cada uma das variantes foi observada, conforme Tabela 01 a seguir:

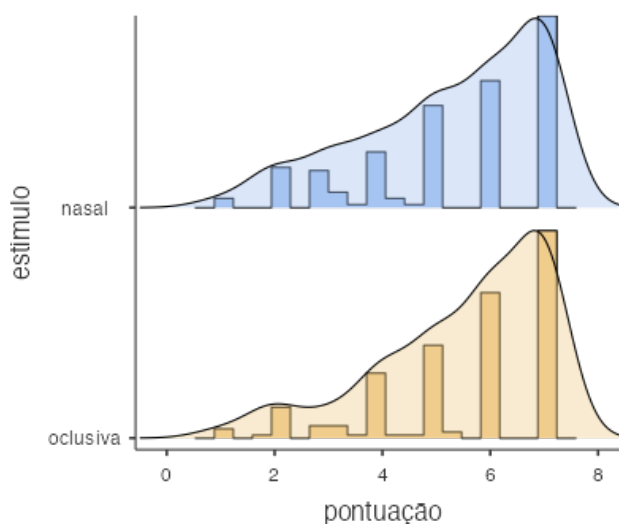
TABELA 01 - Médias respostas x variante

<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
[d]	192	5.49	5.99	1.56
[n]	192	5.28	5.96	1.66

Fonte: elaboração própria

Os resultados revelam que as sentenças com a oclusiva [d] foram ligeiramente mais bem avaliadas do que as sentenças com a nasal [n], conforme pode ainda ser visto no gráfico a seguir:

GRÁFICO 01 - Médias respostas x variante



Fonte: elaboração própria (2022)

Embora tenha sido observada uma diferença entre as médias das pontuações atribuídas às variantes, verificou-se, por meio do Teste *Kruskal-Wallis*, que essa diferença não se mostrou significativa ( $p$ -valor = 0.204). Isso pode apontar para o fato de não haver diferença de avaliação social entre as variantes para a variedade do PB em análise. Em outras palavras, a realização da variante nasal em contexto (ndo) não parece, entre jovens universitários cariocas, ser um estereótipo associado à baixa escolaridade ou a falantes de classes sociais mais baixas.

Embora a diferença entre as médias para a pontuação atribuída a cada uma das variantes não tenha se mostrado significativa, foi feita uma investigação por lista de estímulos. Isto porque poderia haver diferenças entre as listas de verbos (por conjugação), bem como entre as listas de verbos e a lista de nomes. Os trabalhos com dados de produção já realizados sobre a variável em análise no PB apontam que a variante nasal é mais realizada entre verbos (gerúndios) do que entre itens não-verbais. Assim, poderia ser que, para algumas listas – sobretudo a de não-verbos –, houvesse diferença de avaliação entre as variantes oclusiva e alveolar.

A Tabela 02 traz os resultados para as listas de palavras com itens verbais:

TABELA 02 - Médias por listas de verbos – variantes x respostas

estímulo	N	média	mediana	SD
[d]	144	5.43	5.99	1.56
[n]	144	5.25	5.96	1.66

Fonte: elaboração própria (2022)

Assim como se observou para todas as listas, não há diferença significativa entre as três listas com verbos:  $p$ -valor = 0.171 (teste *Kruskal-Wallis*). O mesmo acontece com cada uma das listas de verbos:

TABELA 03 - Médias por listas de verbos (1ª conjugação) – variantes x respostas

<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
[d]	144	5.33	5.98	1.71
[n]	144	5.19	5.96	1.73

$p$ -value = 0.399 (teste *Kruskal-Wallis*)

Fonte: elaboração própria (2022)

TABELA 04 - Médias por listas de verbos (2ª conjugação) – variantes x respostas

<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
[d]	144	5.15	5.02	1.57
[n]	144	5.29	5.00	1.56

$p$ -value = 0.769 (teste *Kruskal-Wallis*)

Fonte: elaboração própria (2022)

TABELA 05 - Médias por listas de verbos (3ª conjugação) – variantes x respostas

<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
[d]	144	5.82	6.00	1.34
[n]	144	5.26	5.98	1.71

$p$ -value = 0.304 (teste *Kruskal-Wallis*)

Fonte: elaboração própria (2022)

Conforme se depreende da leitura das tabelas 03, 04 e 05, embora seja possível notar que houve maior penalização das sentenças com a consoante nasal em verbos de 1ª e 3ª conjugação – e, curiosamente, maior penalização das sentenças com a consoante oclusiva em itens de 2ª conjugação (5.15) – as diferenças entre as médias de pontuações atribuídas às variantes não se mostrou significativa para nenhuma das três conjugações verbais.

Conforme dito anteriormente, trabalhos anteriores com a variável em análise e realizados com dados de produção apontam que a variante nasal é mais observada em itens verbais (gerúndio), sendo baixa a realização desta variante entre itens não-verbais. Por esse motivo, foi feita análise de alguns itens não verbais e os resultados podem ser observados na tabela 06, a seguir:

TABELA 06 - Médias por listas de itens não-verbais – variantes x respostas

<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
[d]	144	5.66	5.99	1.57
[n]	144	5.38	5.98	1.66

Fonte: elaboração própria (2022)

Assim como na análise apenas com os itens verbais de 1ª e 3ª conjugação, percebe-se maior penalização de itens produzidos com a variante oclusiva. Entretanto, assim como nas demais análises, a diferença entre as médias de pontuação atribuídas às duas variantes não se revelou significativa após aplicação do teste *Kruskal-Wallis*: p-valor = 0.384. O mesmo pode ser observado em relação à avaliação das variantes por itens não-verbais, conforme pode ser observado na tabela a seguir:

TABELA 07 - Médias por listas de itens não-verbais– variantes x respostas

<b>ITENS</b>	<b>estímulo</b>	<b>N</b>	<b>média</b>	<b>mediana</b>	<b>SD</b>
mundo	[d]	12	5.21	1.62	1.99
	[n]	12	5.98	1.04	3.03
Orlando	[d]	12	5.66	6.46	2.97
	[n]	12	5.07	5.48	2.97
quando	[d]	12	5.82	6.47	1.01
	[n]	12	5.50	5.50	1.00
segundo	[d]	12	5.98	6.00	1.99
	[n]	12	5.73	6.96	1.95

Fonte: elaboração própria(2022)

Apesar de a variante nasal ter recebido menor pontuação nos itens ‘Orlando’, ‘quando’ e ‘segundo’, as diferenças entre as médias de pontuação atribuídas às variantes também não se mostraram significativas após aplicação Teste do *Kruskal-Wallis*: p-valores = 0.184; 0.488 0.885, respectivamente. É possível observar ainda que o item ‘mundo’ foi mais penalizado quando realizado com a consoante oclusiva, mas, assim como nos demais itens não-verbais analisado, a diferença entre as médias de pontuação atribuídas às variantes não se mostrou significativa (p-valor = 0.419). Considerando o estudo de Mollica e Mattos (1992), em que se observou ser a realização de [d] no segmento (ndo) mais frequente entre itens não-verbais, é interessante notar que os resultados para este estudo piloto, o fato de um participante ouvir estímulos com a variante nasal [n] em itens não-verbais não levou a uma maior penalização.

Como o design do experimento foi pensado a partir de itens verbais frequentes e pouco frequentes na língua, a tabela 08 traz os resultados para os grupos de itens verbais a partir da frequência dos itens que compunham cada grupo:

TABELA 08 - Médias por itens de alta e baixa frequência – variantes x respostas

ITENS	estímulo	N	média	mediana	SD
alta frequência	[d]	72	5.51	5.99	1.50
	[n]	72	5.23	5.97	1.73
baixa frequência	[d]	72	5.35	5.99	1.01
	[n]	72	5.26	5.48	1.04

Fonte: elaboração própria (2022)

Conforme assinalado anteriormente, cada lista com itens verbais contava com 04 itens, sendo dois de alta frequência no PB e dois baixa frequência no PB. Isto porque se entendeu ser importante analisar também a frequência dos itens, a fim de observar sua influência sobre o julgamento dos participantes quando a nasal era realizada. A partir dos resultados da tabela 07, é possível observar que as diferenças entre as médias de pontuação atribuídas às variantes são bem pequenas. Após ser aplicado o teste *Kruskal-Wallis*, observa-se que essas diferenças não se mostraram significativas (p-valores = 0.322 e 0.349 para itens de alta frequência e itens de baixa frequência, respectivamente).

Como os dois grupos de participantes tinham o mesmo número de homens e mulheres, foi possível fazer a análise das avaliações das variantes por sexo. A tabela 09 traz os resultados para o sexo dos participantes:

TABELA 09 - Médias por sexo (homens e mulheres) – variantes x respostas

PARTICIPANTES	estímulo	N	Média	mediana	SD
homens	[d]	96	5.28	5.92	1.01
	[n]	96	5.57	5.99	1.00
mulheres	[d]	96	5.41	5.98	1.01
	[n]	96	5.28	5.99	1.04

Fonte: elaboração própria (2022)

Labov (2008, p. 281) argumenta que, “na fala monitorada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que os homens ao padrão de prestígio”. Assim, esperava-se que poderia haver diferenças entre o comportamento de homens e mulheres. No que se refere à avaliação das variantes de acordo com o sexo dos participantes,

nota-se que as mulheres penalizaram mais as sentenças com a variante nasal do que variante oclusiva. Entre os homens, o inverso pode ser observado: os homens penalizaram mais as sentenças que continham estímulos com a variante oclusiva do que com a nasal. Contudo, não há diferença significativa entre as médias das pontuações atribuídas às variantes, quer seja pelos homens ( $p$ -valor = 0.113), quer seja pelas mulheres ( $p$ -valor = 0.505).

## Discussão

No experimento realizado para o presente estudo piloto, foi observada a avaliação social da alternância entre as consoantes oclusiva alveolar [d] e nasal alveolar [n] precedidas de vogal nasal, como em [avali'ãd̃o] e [avali'ã̃o], respectivamente. Como citado anteriormente, a variável foi apresentada em itens verbais – classificadas entre verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações, bem como alta e baixa frequência – e não-verbais. Além disso, participaram da pesquisa falantes do sexo masculino e feminino na mesma quantidade, para que se pudesse acessar a avaliação das variantes de acordo com o sexo do participante. Os participantes do experimento foram jovens universitários da comunidade de fala do Rio de Janeiro e o objetivo era observar o grau de aceitabilidade das variantes na comunidade de fala carioca, com base em hipóteses de estudos de produção anteriores.

Os estudos de Freitag, Cardoso e Pinheiro (2018), Ferreira (2010), Ferreira, Tenani e Gonçalves (2012) e Martins (1999; 2001 *apud* GONÇALVES, 2018) observaram que a classe gramatical em que a consoante nasal mais ocorre é a classe de verbos no gerúndio, em comparação a classes não-verbais. Considerando todos os grupos de itens do experimento, observou-se que os estímulos com a consoante nasal foram ligeiramente mais penalizados do que os itens com a variante oclusiva. No entanto, a diferença entre as médias das pontuações atribuídas às duas variantes nas listas de itens verbais e não-verbais não se revelou significativa, o que pode sugerir que a variante nasal não constitui um estereótipo associado à pouca escolaridade ou a falantes pertencentes à classe social baixa na variedade carioca. Além disso, as diferenças de médias das pontuações atribuídas às duas variantes em cada uma das listas também não se mostraram significativas: seja em itens verbais no gerúndio (nas três conjugações, em itens de alta e baixa frequência na língua), seja em itens não-verbais, as médias apontam para uma ausência de estigma atribuído à variante nasal, tendo em vista que não houve diferença significativa nas médias de pontuação atribuídas às duas variantes.

Além disso, embora Labov *et al.* (2011) tenham verificado que sujeitos adultos mostraram uma sensibilidade à variante alveolar não-padrão a partir de 10% de repetição, o mesmo não se verificou para a variante nasal em contexto (ndo): mesmo expostos a 50% de



repetições da variante nasal, os participantes não demonstraram avaliar de forma diferente esta variante da variante oclusiva. Novamente, os resultados encontrados podem ter relação com a avaliação social das variantes de (ndo) na variedade do PB avaliada: conforme dito anteriormente, para a variedade analisada, a variante [n] não chega a ser um estereótipo associado à baixa escolaridade ou a falantes de classes sociais mais baixas. Possivelmente, esses resultados apontam para a necessidade de se incluir, em trabalhos futuros, mais itens não-verbais, bem como aumentar a incidência da variante nasal no bloco de estímulos.

Acreditava-se ainda na possibilidade de maior penalização da consoante nasal por parte das mulheres, com base em Labov (2008, p. 281), que argumenta que, em contextos de fala mais monitorada, as mulheres tendem a usar formas menos estigmatizadas do que os homens, sendo, ainda, mais sensíveis a formas prestigiadas do que os homens. Porém, os resultados do presente estudo apontam que, apesar de a variante [n] ter recebido pontuação inferior àquela dada à variante [d] por parte das mulheres, não há diferença significativa entre as médias de pontuação atribuídas às duas variantes. Em relação aos homens, apesar de ser observada uma tendência inversa à das mulheres, a diferença entre as médias de pontuação atribuídas às duas variantes também não se mostrou significativa.

Por fim, como já citado, em razão da pandemia, o experimento foi realizado de forma exclusivamente remota, o que pode, em função da própria característica da variável, ter sido um fator para que as diferenças entre as variáveis não tenham sido percebidas pelos participantes da maneira mais aguçada: como estavam em casa, as diferenças de materiais (fones de ouvido, volume adequado, conexão à internet etc.) podem ter tido alguma interferência nos resultados. Considera-se que a aplicação do experimento de forma presencial possa capturar os resultados com maior precisão, além de possibilitar a participação de grupos sociais mais variados. Portanto, espera-se que esse estudo piloto seja um ponto de partida para trabalhos futuros mais aprofundados envolvendo a alternância da oclusiva alveolar e a da nasal alveolar em contexto (ndo) no português brasileiro. De qualquer forma, apesar de haver diferenças de avaliação entre as duas variantes da variável em análise, parece que essas diferenças não são tão grandes conforme supõem os estudos de produção sobre essa variável. Ou pode ser ainda que uma maior frequência de uma variante possa impactar de forma mais robusta a avaliação dos falantes.

## Referências

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CAMPBELL-KIBLER, Kathryn. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ing)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006. 282 f. Disponível em: [http://www.ling.ohio-state.edu/~kbek/KCK\\_diss.pdf](http://www.ling.ohio-state.edu/~kbek/KCK_diss.pdf). Acesso em: 20 de maio de 2021.

CLOPPER, Cynthia G; CONREY, Bryanna; PISONI, David. B. Effects of talker gender on dialect categorization. **Journal of Language and Social Psychology**. [s.l.], v. 4, n. 2, p. 182-206, 2005.

FERREIRA, J. S. **O apagamento do /d/ em morfema de gerúndio no dialeto de São José do Rio Preto**. 2010. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2010.

FERREIRA, J. S.; TENANI, L. E.; GONÇALVES, S. C. L. **O Morfema do Gerúndio “ndo” no Português Brasileiro: análise fonológica e sociolinguística**. Letras & Letras, v. 28, n. 1, p. 167-188, 2012.

FREITAG, R. M. K; CARDOSO, P. B.; PINHEIRO, B. F. M. Saliência na conservação de /d/ no segmento /ndo/: efeitos sociais e estilísticos. In **Gragoatá**, Niterói, v.23, n. 46, p. 654-678, mai.-ago. 2018.

GONÇALVES, Dany. **Pronúncia variável de (NDO) na fala paulistana**. 2018. 117 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

HAY, Jennifer; WARREN, Paul; DRAGER, Katie. Factors influencing speech perception in the context of a merger-in-progress. **Journal of Phonetics**, [s.l.], v. 34, n. 4, p. 458-484, 2006.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William; ASH, Sharon; RAVINDRANATH, Maya; Weldon, Tracey; BARANOWSKI, Maciej; NAGY, Naomi. **Journal of Sociolinguistics**. Blackwell Publishing: p. 431-463, 2011.

LAMBERT, W. E *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, vol. 60(1), 44–51, 1960.

MELO, M. A. S. L. de. **Direcionalidade da mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social**. 2017. 153 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Rio de Janeiro, 2017.

MELO, M. A. S. L. Padrões de avaliação de duas variáveis sonoras na comunidade de fala do Rio de Janeiro: uniformidade ou diferentes tendências?. **Organon**, v. 37, p. 102-124, 2022.

MOLLICA, M. C.; MATTOS, P. Pela conjugação das abordagens variacionista e difusionista. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG, v. 1, n. 1, p.53-63, 1992.

OUSHIRO, Livia. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, São Paulo, 2015.

SQUIRES, Lauren. **Sociolinguistic priming and the perception of agreement variation: testing predictions of exemplar-theoretic grammar**. 2011. 227 f. Tese (Doutorado), Department of Linguistics, University of Michigan, Michigan, 2011.

STAUM CASASANTO, Laura. What do Listeners Know about Sociolinguistic Variation?, **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, Philadelphia, v. 15, n. 2, p. 40-49, 2010.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**; tradução Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. [1968].

## ANEXO 01

LISTA 01. Sentenças de itens verbais para o experimento de avaliação

Lista	Sentença	Classificação	Frequência ASPA
01 1ª conj	1. O ministro da economia segue <b>falando</b> sobre o projeto.	frequente	9.521
	2. As vítimas do assalto foram <b>andando</b> até a delegacia.	frequente	2.180
	3. O atual prefeito disse estar <b>orçando</b> o valor da obra.	não-frequente	10
	4. O governo federal não vem <b>logrando</b> acabar com a crise.	não-frequente	22
02 2ª conj	5. O brasileiro anda <b>bebendo</b> muito nesse período difícil.	frequente	698
	6. Os presos seguem <b>fazendo</b> muitos protestos violentos.	frequente	31.833
	7. O Estado continua não <b>provendo</b> os pobres na pandemia.	não-frequente	39
	8. A lei marcial segue <b>vigendo</b> nesse período complicado.	não-frequente	11
03 3ª conj	9. O homem foi assaltado <b>saindo</b> de casa pela manhã.	frequente	4.590
	10. O suspeito foragido foi encontrado <b>dormindo</b> em casa.	frequente	1.729
	11. As empresas vêm <b>falindo</b> cada vez mais na pandemia.	não-frequente	76
	12. A tinta será removida <b>polindo</b> a superfície da pintura.	não-frequente	14

LISTA 02. Sentenças de itens não-verbais para o experimento de avaliação

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não há previsão de <b>quando</b> a vacina chegará.</li> <li>2. Mais espécies entraram em extinção no <b>mundo</b>.</li> <li>3. O atleta conseguiu chegar em <b>segundo</b> lugar.</li> <li>4. A tempestade foi ainda mais forte em <b>Orlando</b>.</li> </ol> |
|---|

### **Sobre os autores**

*Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8025-0530>)

Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação em Direito (2000) e Letras - Português/Inglês (2010) pela UFRJ, mestrado (2012) e doutorado (2017) em Linguística pela UFRJ. É membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFRJ), membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL e do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL/UFRJ). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística, atuando principalmente na pesquisa dos seguintes temas: variação e mudança linguística, percepção da variação socialmente indexada e aquisição da escrita, em especial por grupos de indivíduos periféricos.

*Ísis Garcia Bastos da Silva* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3610-5608>)

Licenciada em Letras - Português/Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua como professora de Inglês e Língua Portuguesa para o ensino básico. Atualmente, desenvolve pesquisas na área de Sociolinguística, com particular interesse no significado social da variação.

Recebido em junho de 2022.

Aprovado em setembro de 2022.